

OS INDEFINIDOS NEGATIVOS E A CONSTRUÇÃO DO ENUNCIADO

ANTÓNIO MORENO

(Universidade de Aveiro / Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa,
CLUNL)*

ABSTRACT: The aim of this paper is to propose an analysis (in the framework of the Theory of Enunciative Operations) of the negative indefinite pronouns of European Portuguese (ninguém, nada and nunca). In the structure of the utterance, the relationship between the verb and the negative indefinite pronouns will be considered at three levels: (i) the instantiation of the variables of a propositional structure named predicative relation; (ii) the selection of a predicative locator of the predicative relation, (iii) the location of the predicative relation through the enunciative parameters Subject or Time. We argue that the negative indefinite pronouns: (a) are always located terms in level (i); (b) can preserve the function of located terms or acquire the function of locators in level (ii); (c) be located by the uttering Subject (ninguém and nada) or by the Time of uttering (nunca) in level (iii).

KEYWORDS: negation; negative indefinite pronouns; n-words; Theory of Enunciative Operations;

PALAVRAS-CHAVE: negação; pronomes indefinidos negativos; palavras-n; Teoria das Operações Enunciativas.

No âmbito da Teoria das Operações Enunciativas, enquadramento teórico no qual se situa esta comunicação, entende-se que o enunciado é, a nível metalinguístico, o resultado de diferentes etapas:

- (i) instanciação dos lugares vazios de uma relação predicativa composta por uma variável de operador e duas variáveis de argumento;

* Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto PEst-OE/LIN/UI3213/2011.

- (ii) organização da relação predicativa a partir de um localizador predicativo (também designado como termo de partida), ou seja, a partir de um termo pré-localizado que funciona como tema em sentido estrito¹;
- (iii) localização abstrata de relação predicativa por uma situação de enunciação composta pelas coordenadas Sujeito e Tempo.

Partindo do conceito de localizador predicativo, a relação entre estas três etapas pode ser exemplificada recorrendo a Campos (1998: 22-23)²:

- (1) a. A Ana viu o Rui.
 b. O Rui, a Ana viu-o.
 c. Foi a Ana que viu o Rui.
 d. A Ana viu o Rui!

Os enunciados de (1) permitem ilustrar a seleção de diferentes localizadores predicativos: no exemplo (1a), um enunciado com a estrutura SVO e sem contexto explícito, o localizador predicativo coincide com o sujeito sintático “a Ana”; em (1b) o localizador predicativo é o objeto direto “o Rui”, tendo sido deslocado para uma posição inicial e retomado pelo anafórico “o”; em (1c) todo o predicado “viu o Rui” funciona como localizador predicativo: a focalização de “a Ana” recorrendo ao verbo “ser” e ao relativo “que”, marca “ver o Rui” como pré-construído, ou seja, como validado numa enunciação anterior; finalmente, em (1d), um enunciado exclamativo, toda a relação predicativa é localizada pela situação de enunciação, não havendo, por isso, um localizador predicativo: o enunciado exclamativo é entendido como a constatação global de um determinado estado de coisas.

A nível metalinguístico, os exemplos de (1) estão representados, respetivamente, nas expressões de (3). Para a interpretação destas expressões é necessário ter em conta o seguinte: a relação predicativa é representada pela estrutura indicada em (2a), na qual “Ana”, “ver” e “Rui” são os termos que instanciam as variáveis de uma estrutura com um operador (lexicalizado por “ver”) e dois argumentos (lexicalizados por “Ana” e “Rui”). Os símbolos indicados em (2b) e (2c) são operadores de relações de localização abstrata, de tal modo que a expressão (2d) (“xAy”) deve ler-se “x é localizado por y” e a expressão (2e) (“xBy”) deve ler-se “x é localizador de y”.

- (2) a. < Ana A < ver B Rui >>
 b. A
 c. B
 d. xAy
 e. xBy

¹ “Le repère prédictive, ou terme de départ, est au sens strict le thème, ou ce a propos de quoi il est prédié quelque chose. L’étiquette «thème» pose problème car elle confond deux niveaux différents (opération prédictive = organisation de la relation; opération énonciative = organisation de l’énoncé)” (Bouscaren & Chuquet, 1987:140) .

² A proposta de Campos (1998: 22-23) foi elaborada a partir de Culioli (1978; 1982).

- (3) a. <<()A <ver B Rui>> A Ana> A Sit
 b. <<Ana A <ver B ()>> A Rui> A Sit
 c. << Ana A < ()>> A <ver B Rui>> A Sit
 d. <Ana A <ver B Rui>> A Sit

Nas representações de (3a) a (3c), o localizador predicativo é o termo posicionado à direita da relação predicativa e imediatamente à esquerda de “Sit”, respetivamente “Ana”, “Rui” e “ver o Rui”. Instanciando o lugar vazio de argumento, representado pelos parênteses vazios, o localizador predicativo satura e valida a relação predicativa de modo a que esta possa ser localizada pela situação de enunciação.

Para a explicação do comportamento dos termos “ninguém”, “nada” e “nunca”, que designamos genericamente como indefinidos negativos, é necessário ter em conta três aspetos: (a) as operações de localização na construção da relação predicativa e a etapa em que estas se situam: instanciação dos lugares vazios (etapa (i)) e organização da relação predicativa (etapa (ii)); (b) a posição que o indefinido ocupa em relação ao verbo (pré ou pós-verbal); (c) a relação ou não relação com o adverbial “não” pré-verbal. Estes três aspetos permitir-nos-ão entender se um indefinido negativo é ou um termo localizado, ou, pelo contrário, um termo localizador, ou seja, um localizador predicativo³.

Manipulando o enunciado (1a), de modo a introduzir os indefinidos negativos “ninguém” e “nada”, podemos obter os exemplos de (4) e (5):

- (4) a. Ninguém viu o Rui.
 b. * Ninguém não viu o Rui.
 c. Não viu ninguém o Rui.
 d. * Viu ninguém o Rui.
- (5) a. A Ana nada viu.
 b. * A Ana nada não viu.
 c. A Ana não viu nada.
 d. * A Ana viu nada.

Como os exemplos de (4) e (5) ilustram, os indefinidos negativos em posição pré-verbal bloqueiam a presença do adverbial “não” e em posição pós-verbal exigem a presença deste adverbial.

³ Recuperando uma proposta de explicação do funcionamento enunciativo do indefinido “nada” já apresentada em Moreno (2005), esta comunicação pretende generalizar essa explicação de modo a abranger também os indefinidos “ninguém” e “nunca”.

As relações predicativas, ainda não organizadas, subjacentes aos exemplos bem formados de (4) e (5) estão representadas, respetivamente, em (6) e (7)⁴:

(6) < () A <verB Rui>>

(7) <A Ana A < ver B ()>>

A representação (6) permite verificar que o lugar de argumento, sintaticamente sujeito, da relação predicativa não está instanciado. Em (7), o mesmo se verifica para o lugar de argumento que tem a função sintática de objeto. Em ambos os casos, como já foi dito, os parênteses vazios representam o lugar de argumento não instanciado.

Tanto em (6) como em (7), o lugar de argumento é sempre um termo localizado: o sujeito é localizado a partir do predicado “ver o Rui” e o objeto é localizado a partir do verbo “ver”. Assim sendo, na etapa (i), instanciação dos lugares vazios da relação predicativa, o termo localizador é o verbo, tal como seria de esperar tendo em conta o seu estatuto de operador do qual dependem variáveis de argumento.

Porém, em (6) e em (7), as relações predicativas não estão ainda organizadas, ou seja, não está ainda especificado um localizador predicativo.

Assumindo o princípio de que um indefinido negativo em posição pré-verbal funciona como termo localizador e em posição pós-verbal como termo localizado, as representações de (4a) e (5a) e as de (4c) e (5c) seriam, respetivamente, as de (8a) e (8b) e as de (9a) e (9b)⁵:

(8) a. << () A <verB Rui>> A ()k> X S ((4a) Ninguém viu o Rui.)

b. <<A Ana A < ver B ()>> A ()k> X S ((5a) A Ana nada viu.)

(9) a. << () A <verB Rui>> B ()k> X S ((4c) Não viu ninguém o Rui.)

b. <<A Ana A < ver B ()>> B ()k> X S ((5c) A Ana não viu nada.)

Nas representações de (8) e de (9), “S” designa o sujeito de enunciação e, adotando Culioli (1982: 107), os parênteses vazios seguidos de “k” simbolizam a classe das ocorrências que poderiam instanciar o lugar vazio da relação predicativa. Finalmente, seguindo Culioli (1988: 94) o símbolo X é um

⁴ Note-se que a representação (6) é comum a (4a) (Ninguém viu o Rui.) e a (4c) (Não viu ninguém o Rui.). Do mesmo modo, a representação (7) é a mesma para (5a) (A Ana nada viu.) e (5c) (A Ana não viu nada.) O que permitiram distinguir (4a) de (4c), por um lado, e (5a) de (5c), por outro, será, como adiante se verá, a organização da relação predicativa, ou seja, a seleção de um localizador predicativo.

⁵ Bosque (1980) e Sánchez (2000), no âmbito de uma análise do espanhol europeu, propuseram já que um indefinido negativo em posição pré-verbal funciona como tema e em posição pós-verbal funciona como rema.

operador negativo que indica não localização. Assim sendo, a expressão ()k X S, que integra as representações de (8) e (9), deve ser lida como “qualquer que seja a ocorrência da classe ()k que instancie o lugar vazio, a relação predicativa será não localizada pelo sujeito de enunciação”. Os indefinidos negativos correspondem então à relação entre a totalidade de um classe e a operação de não localização.

Se compararmos as representações de (8) e (9), verificamos que a diferença fundamental se situa ao nível do operador de localização imediatamente à esquerda da classe ()k. Em (8), com indefinidos negativos pré-verbais, a classe das ocorrências que poderiam instanciar o lugar vazio da relação funciona como localizador predicativo e, em (9), com indefinidos pós-verbais, a classe de ocorrências em causa funciona apenas como termo localizado. Assim sendo, em (9), o localizador predicativo será, não o indefinido negativo, mas o verbo, quer na sua relação com o objeto, em (9a), quer na sua relação com o sujeito, em (9b).

A função de localizador predicativo de “ninguém” e “nada” nos enunciados, respetivamente, (4a) e (5a) (e representados em (8a) e (8b)), poderia ser explicitada pelas paráfrases de, respetivamente, (10a) e (10b):

- (10) a. Quanto a quem viu o Rui, ninguém o viu.
b. Quanto àquilo que a Ana viu, a Ana nada viu.

Nestas paráfrases, os lugares vazios representados por “quem” e “aquilo” são tematizados e retomados por, respetivamente, “ninguém” e “nada” em posição pré-verbal.

Por sua vez, a função de termo localizado dos indefinidos negativos, nos enunciados (4c) e (5c) (representados em (9b) e (9b)) poderia ser explicitada, respetivamente, pelas paráfrases de, respetivamente, (11a) e (11b):

- (11) a. Quanto à Ana ver, a Ana não viu nada.
b. Quanto a ver o Rui, não o viu ninguém.

O verbo associado ao sujeito (11a) ou ao objeto (11b) é tematizado, funcionando, por isso, como localizador predicativo. Os indefinidos negativos serão então apenas termos localizados⁶. Tendo em conta as três etapas de construção do enunciado, anteriormente referidas, as funções de localizado e de localizador em relação à posição dos indefinidos negativos situa-se na etapa (ii): seleção de um localizador predicativo.

A má formação dos exemplos (b) de (4) e (5), presença simultânea de um indefinido negativo pré-verbal com o adverbial “não”, está também rela-

⁶ Note-se que as expressões de (10) e de (11) não são propriamente enunciados, mas apenas paráfrases ou glosas de enunciados: explicitam em linguagem não formal as operações em causa.

cionada com a função de localizador predicativo dos indefinidos. Com já foi dito, o localizador predicativo é o termo a partir do qual se organiza a relação, i.e., se situam os termos localizados. Ora, se o localizador predicativo for negativo (ou mais precisamente, negativizado por não localização pelo parâmetro enunciativo sujeito) não haverá validação de ocorrências dos termos localizados, não sendo, por isso, necessária a presença do adverbial “não”. Assim, em (4a) o indefinido “ninguém” pré-verbal, por si só, garante que “ver o Rui” não se verifica. Paralelamente, em (5a) o indefinido “nada” pré-verbal garante que “a Ana ver” também não se verifica.

Em relação à má formação dos exemplos (d) de (4) e de (5), com indefinidos negativos pós-verbais sem o adverbial “não”, o que está em causa é, por um lado, a função do verbo como localizador predicativo (na etapa (ii)) e, por outro, a delimitação de ocorrências do verbo a partir dos termos localizados, ou, mais precisamente, a partir da instanciação dos lugares de argumento sintaticamente sujeito e objeto direto (etapa (i)).

Com efeito, na instanciação dos lugares vazios da relação predicativa, os termos localizados asseguram a delimitação de ocorrências dos termos localizadores. Por outras palavras, a presença de um objeto direto permite delimitar diferentes ocorrências do um mesmo verbo, do mesmo modo que o sujeito sintático permite delimitar diferentes ocorrências de um mesmo predicado. Exemplificando, em predicados como “ver o Rui”, “ver o acidente”, “ver o pôr do sol”, trivialmente podemos dizer que há diferentes ocorrências do verbo “ver”, sendo estas delimitadas a partir dos diferentes objetos: cada ocorrência de “ver” é diferente das outras. De modo similar, em enunciados como a “Ana viu o Rui” ou “o rapaz viu o Rui” ou “um polícia viu o Rui”, podemos igualmente dizer que há diferentes ocorrências de “ver o Rui”, desta vez delimitadas a partir do sujeito.

Verifica-se então que o verbo participa numa dupla relação: enquanto termo localizador que instancia o lugar de operador de uma relação predicativa, o verbo é delimitado pelos argumentos que localiza (etapa (i)), mas, enquanto localizador predicativo, enquanto tema, o verbo permite situar (validar ou não validar), os termos localizados (etapa (ii)). É precisamente esta dupla função que obriga à ocorrência do adverbial “não”. Na instanciação dos lugares de argumento, um indefinido negativo, como termo localizado, garante que não há delimitações de ocorrências do verbo e consequentemente este não se verifica. Por sua vez, o adverbial “não” assegura que o verbo, na organização da relação predicativa, é um localizador predicativo que não valida ocorrências dos termos localizados, ou seja, não permite situar ocorrências de outros termos. Por isso, na ausência do adverbial “não”, expressões como “telefonou ninguém” ou “disse nada” são semanticamente contraditórias: os verbos “telefonar” ou “dizer” são localizadores predicativos que validam uma relação, logo estes verbos são interpretados positivamente, ou seja, como correspondendo a ocorrências que se verificaram (interpretação permitida pela ausência do adverbial “não”); porém, a instan-

ciação dos lugares de argumento por “ninguém” e “nada” delimita negativamente o verbo que irá instanciar o lugar de operador e, conseqüentemente, não haverá ocorrências verbais.

A proposta de análise que se aplicou aos pronominais “ninguém” e “nada” poderia também ser aplicada ao adverbial “nunca”, já que este apresenta um comportamento similar, como se pode verificar pelos enunciados (12):

- (12) a. A Ana nunca viu o Rui.
 b. * A Ana nunca não viu o Rui.
 c. A Ana não viu nunca o Rui.
 d. * A Ana viu nunca o Rui.

Os aspetos específicos e relevantes em relação a “nunca”, confrontando com “ninguém” e “nada”, são os seguintes: (a) o adverbial “nunca” é tipicamente não argumental, ou seja, não instancia um lugar de argumento de uma relação predicativa; (b) a classe de ocorrências em causa é de natureza aspetual, sendo construída a classe dos instantes que poderiam localizar a relação predicativa; por esta razão, nas expressões metalinguísticas de (13) esta classe é simbolizada pelos parênteses curvos vazios seguidos de um “t”; (c) dada a sua natureza aspetual, a relação predicativa será não localizada em relação parâmetro enunciativo Tempo, representado por “T” nas expressões de (13).

Assim sendo, os enunciados (12a) e (12c) podem ser representados, respetivamente, pelas expressões metalinguísticas de (13a) e (13b) e podem ser explicitados, respetivamente, pelas paráfrases (14a) e (14b):

- (13) a. << Ana A <ver B Rui>> A ()t> X T ((12a) A Ana nunca viu o Rui.)
 b. <<A Ana A <ver B Rui>> B ()t> X T ((12b) A Ana não viu nunca o Rui.)

- (14) a. Quanto ao instante em que a Ana viu o Rui, a Ana nunca o viu.
 b. Quanto à Ana ver o Rui, a Ana não o viu nunca.

Globalmente, em relação aos indefinidos negativos “ninguém”, “nada” e “nunca”, para além dos aspetos comuns e diferentes que já foram abordados, outros aspetos poderiam ainda contribuir para caracterizar o tipo de operações de que estes termos são marcadores.

Assim, todos estes três termos marcam a construção de uma classe das ocorrências, representada por ()k para “ninguém” e “nada” e ()t para “nunca”, que poderiam validar a relação predicativa. Sobre esta classe incide uma operação de percurso estabilizada pela construção do complementar de um interior fechado: são consideradas todas as ocorrências, uma por uma, incluindo a última (a que permite fechar o interior) e nenhuma é localizada em relação ao parâmetro enunciativo em causa (S para “ninguém” e “nada” e T para “nunca”). As classes de ocorrências marcadas por “ninguém” e

“nada” são caracterizadas semanticamente pelas propriedades, respetivamente, “humano”, e “não animado”. A classe marcada por “nunca”, é, como se disse, de natureza aspetual.

Esta proposta de explicação do funcionamento enunciativo dos indefinidos negativos permite ainda esclarecer alguns casos particulares: a função refutativa associada a “nada” e “nunca”, ilustrada pelos exemplos (15); os enunciados em que “nada” e “ninguém” ocupam uma posição pós-verbal, mas sem a presença do adverbial “não” pré-verbal, exemplificados em (16)⁷:

- (15) a. A Ana não viu nada o Rui! /A Ana não viu o Rui nada!
b. A Ana não viu nunca o Rui!/ A Ana não viu o Rui nunca!

- (16) a. A oposição não tem grande legitimidade para criticar quando, em alternativa, traz nada.
b. Folheiam-se as 1100 páginas do último grande dicionário de jazz (...) e descobre-se nada.
c. Que sabemos nós (...) ? Sabemos, rigorosamente, nada!

Os enunciados de (15) são manifestações da negação metalinguística. Os termos “nada” e “nunca”, associados a uma curva melódica de tipo exclamativo com um acento particular sobre os indefinidos, incidem sobre a globalidade do enunciado, marcando que a relação predicativa em causa foi previamente construída ou validada numa enunciação anterior. Com efeito, os enunciados de (15) são interpretados como a refutação de enunciados prévios como os exemplificados em (17):

- (17) a. A Ana viu o Rui.
b. Acho que a Ana viu o Rui.
c. A Ana viu o Rui?

Note-se que nos exemplos de (15), a posição pós-verbal dos indefinidos negativos em causa é essencial para construir o valor de refutação. Se estes termos ocupassem uma posição pré-verbal, os enunciados correspondentes seriam agramaticais (cf. (15a) com (18a)) ou já não teriam necessariamente um valor de refutação (cf. (15b) com (18b)):

- (18) a. *A Ana nada viu o Rui.
b. A Ana nunca viu o Rui.

Quanto aos exemplos de (16), tal como anteriormente já foi mencionado, verifica-se a construção de valores contraditórios. Por um lado, os inde-

⁷ Os exemplos (16) foram extraídos do corpus CETEMPúblico.

finidos negativos pós-verbais delimitam negativamente o verbo, logo este não se devia verificar. Porém, por outro lado, o verbo, não sendo marcado negativamente pelo adverbial “não”, funciona como um localizador predicativo validado, ou seja, positivo. Os exemplos em causa exprimem assim um valor semântico particular baseado na dissociação da ação verbal em relação ao seu objeto direto. Com o apagamento do adverbial “não”, as formas verbais, respetivamente, “traz”, “descobre-se” e “sabemos” marcam ocorrências interpretáveis como positivas, ou seja, ocorrências que se verificaram. Porém, a positividade de tais ocorrências verbais deve ser concordante com a positividade do objeto direto ou, dito de outro modo, a função do verbo como localizador é garantida e particularizada pela relação com um objeto direto. Deste modo, trivialmente, “trazer/descobrir/saber x” são ocorrências validadas e distintas de “trazer/descobrir/saber y”, mas, para tal, é necessário que “x” e “y” estejam associadas a um qualquer tipo de positividade. Ora o indefinido “nada” pós-verbal, marcando que não há ocorrências de um objeto direto, delimita as ocorrências verbais como não validadas. Assim sendo, o verbo não poderá ser o localizador de uma relação que não se verifica. A impossibilidade de o verbo ser um localizador validado é marcada pelo adverbial “não” pré-verbal em estruturas do tipo “não trazer/descobrir/saber nada”. Através do apagamento deste adverbial, o verbo será transformado no localizador positivo (validado) de uma relação negativa (não validada). Este agenciamento de operações permite construir o valor semântico específico dos enunciados de (16): a ação verbal não é negada, mas antes construída como totalmente inconsequente.

Os enunciados como os exemplificados em (16), com indefinidos negativos pós-verbais sem o adverbial “não” pré-verbal, podem ser considerados como marginais em relação à língua padrão. Com efeito, este tipo de enunciados não é em geral considerado nas descrições gramaticais dos indefinidos negativos: porque constituem uma violação do padrão frásico típico do Português Europeu (*não – verbo – indefinido negativo*), podem ser entendidos como agramaticais. Porém, tais enunciados não correspondem a uma manipulação puramente idiossincrática. Pelo contrário, são um recurso linguístico que produz um valor semântico específico e sistemático, ou seja, um valor semântico, anteriormente explicitado, que não varia contextualmente nem de falante para falante. Por isso, apesar da sua eventual agramaticalidade, enunciados como os de (16) são aceitáveis e podem ser atestados, com alguma frequência, através da recolha em *corpora*.

Conclusões

Sendo o enunciado considerado como uma estrutura complexa, isto é, composta por distintas etapas metalinguísticas, um termo pode participar em diferentes relações de localização.

Na construção do enunciado, os indefinidos negativos (“ninguém”, “nada” e “nunca”) podem ser entendidos como localizadores predicativos, ou seja, como termos pré-construídos a partir dos quais se organiza a relação predicativa. Porém, podem também ser considerados como termos localizados, ou seja, como uma classe ocorrencias situada a partir de um outro termo localizador.

Esta dupla possibilidade reflete-se na organização sintática dos enunciados. No primeiro caso, como localizadores predicativos, os indefinidos negativos ocuparão uma posição pré-verbal, bloqueando a presença do adverbial “não”. No segundo caso, como termos localizados, ocuparão uma posição pós-verbal, exigindo a presença do adverbial “não”.

Referências bibliográficas

- Bosque, Ignacio (1980). *Sobre la negación*. Madrid: Cátedra.
- Bouscaren, Janine & Jean Chuquet (1987). *Grammaire et Textes Anglais: Guide pour l'Analyse Linguistique*. Paris: Ophrys.
- Campos, Maria Henriqueta Costa (1998). *DEVER e PODER: Um subsistema modal do Português*. Lisboa: FCG/JNICT.
- Culioli, Antoine (1978). Valeurs modales et opérations énonciatives. In *Pour une linguistique de l'énonciation. Tome 1: Opérations et représentations*. Paris: Ophrys, pp. 135-155.
- Culioli, Antoine (1982). Rôle des représentations métalinguistiques en syntaxe. In *Pour une linguistique de l'énonciation. Tome 3: Domaine notionnel*. Paris: Ophrys, 1999, pp. 95-114.
- Culioli, Antoine (1988). La négation: marqueurs et opérations. In *Pour une linguistique de l'énonciation. Tome 1: Opérations et représentations*. Paris: Ophrys, 1990, pp. 91-113.
- Moreno, António (2005). *Aspectos da Negação no Português: Uma Abordagem Enunciativa*. Dissertação de doutoramento, Universidade Nova de Lisboa.
- Sánchez López, Cristina (2000). La negación. In Ignacio Bosque & Violeta Demonte (dir.). *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Madrid: Espasa, pp. 2561-2634.